



GÊNERO NA INFÂNCIA: IDENTIDADE E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Raimunda Leônia Andrade Rêgo – UERN

Prof.^a Dr.^a Maria Edileuza da Costa – UERN

RESUMO: O nosso trabalho tem como objetivo discutir e analisar a temática gênero e sexualidade na infância. Desenvolvemos essa discussão a partir dos relatos de professoras e funcionários construídos durante conversas informais e de um período de observação realizada na Creche Municipal "Tia Aida" do Município de Itaú/RN. Buscamos articular as narrativas das professoras a um aporte teórico a fim de realizarmos uma análise mais apurada do cotidiano escolar. O contato com esse universo e esses sujeitos deu-se através do desenvolvimento de pesquisas acadêmicas e da minha prática profissional. Como nesta escola os profissionais docentes são caracterizados "tipicamente feminina"; apresentaremos como possibilidade compreender as relações de gênero, entendendo que o cuidar/educar são indissociáveis na educação infantil, permitindo problematizar o pressuposto de que o corpo está no cerne do debate acerca dos cuidados na infância menor. Permeamos as questões instigantes que envolvem as masculinidades e as feminilidades das crianças dessa creche. Ainda acerca da sexualidade infantil, procuramos nos basear ao transitarmos pelo tema as distintas identidades e refutações aos padrões normatizados socialmente e pelo respeito. Esta nova realidade escolar e as concepções que os educadores tem sobre a sexualidade na infância, mediante as suas reações diante a curiosidades das crianças relacionadas ao assunto, nos permite afirmar a necessidade visível de mais estudos voltados ao tema sexualidade e gênero na educação infantil, visto que, o não falar do assunto, o não responder as perguntas das crianças ainda permeiam esse universo escolar. Acreditamos que o mesmo vem contribuir para apropriação de conceitos formadores da identidade do gênero na escola, mediante as dificuldades da instituição infantil em lidar com situações cotidianas que diz respeito a crenças, tabus e dúvidas sobre sexualidade e gênero na infância.

Palavras chave: Gênero, Infância, Sexualidade, Educação infantil.

ABSTRACT: Our work aims to discuss and analyze the theme gender and sexuality in childhood. We developed this discussion from the built teachers and staff reports during informal conversations and an observation period held at Municipal Creche "Aunt Aida" the City of Itaú/RN. We seek to articulate the narratives of the teachers to a theoretical framework in order to conduct a more detailed analysis of the school routine. The contact with this universe and these subjects was through the development of academic research and of my professional practice. As this school teachers are professionals characterized "typically female"; present as a possibility to understand gender relations, understanding that the care / education are inseparable in early childhood education, allowing problematize the assumption that the body is at the heart of the debate about the care at lower childhood. Permeate the thought-provoking issues surrounding masculinity and femininity of the children of this kindergarten. Still about infantile sexuality, we seek to build the transitarmos the subject distinct identities and rebuttals to standardized patterns socially and respect. This new school reality and the conceptions that educators have about sexuality in childhood, through their reactions to the curiosities of children related to the subject, allows us to affirm the perceived need for more studies focused on the theme sexuality and gender in early childhood education, as that the not to mention the subject, not to answer the children's questions still permeate this school universe. We believe that it will contribute to ownership of trainer's concepts of gender identity in school through the difficulties



of childhood institution in dealing with everyday situations with respect to beliefs, taboos and questions about sexuality and gender in childhood.

Keywords: Gender, Children, Sex, Children's Education.

1. INTRODUÇÃO

A partir dos anos de 1990, com o aparecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, e do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a sexualidade e o gênero de forma sucinta passaram a habitar os discursos e as Práticas Educacionais Brasileiras. Discutir o tema proposto neste artigo implica analisar a combinação entre sexualidade e educação, sendo necessário enfatizar que as concepções, projetos e iniciativas de educação sexual sempre pontuaram a história da educação no Brasil como conflituosa e problemática.

Reiteramos o propósito de analisar gênero na infância-educação infantil, por entendermos que a escola é uma prática política que pode ser transformada e que a mesma tem suma importância na identidade do ser homem/do ser mulher; desde que é a partir da escola, dando ênfase a infantil, que são transmitidos conhecimentos produzindo e fabricando sujeitos.

A escola desde sua base, no tocante a Educação Infantil já é responsável em criar ou reverter valores de diferenças e distinções de gênero. Conseqüentemente, é responsável pelas desigualdades que foram ou estão sendo construídas neste espaço escolar e que venha futuramente a existir na sociedade.

Historicamente, a escola sempre tratou o tema gênero como complicado e sempre permeia preconceitos ligados a essa temática. Dessa forma, nossa discussão, justifica-se pela necessidade de se trabalhar, no contexto escolar, especialmente na educação infantil, assuntos relacionados ao gênero e sexualidade na infância, visando focar a necessidade e a importância dessa temática na formação dos/as profissionais de educação infantil, para que não venham somente construir, ditar regras consideradas “certas” ou “erradas”, mas que venham intervir e realizar aprendizagens que contribuam para o desenvolvimento da criança, levando em conta a diversidade humana e sexual das crianças.

Sabemos que a escola hoje é o portal mais eficiente de enriquecimento e desenvolvimento identitário da criança. É na Educação Infantil que a infância deve ser vista e estudada não mais por conceitos universais, mas histórica e culturalmente localizada através de sujeitos que vivem em lugares e tempos específicos. Portanto, entendemos que a mediação dada pelo professor(a) acerca das relações de gêneros, caracterizando a historicidade, o corpo, as marcas culturais da criança,



atentando para as práticas relacionais e modos de educação, podem criar caminhos para que o desafio de promover uma prática educativa voltada a sexualidade infantil, deixe de ser ocultada e silenciada na escola.

2. RELAÇÕES – GÊNERO, IDENTIDADE E SEXUALIDADE NA INFÂNCIA

Na história de vida do ser humano, a sexualidade é constituída por uma construção social definida por marcas culturais impressas mesmo antes da concepção de um bebê. Quando um casal deseja ter um filho, a sexualidade mostra-se presente desde a experiência sexual para fecundar o embrião, passando pelo imaginário dos pais acerca do gênero desta criança e pelas construções afetivas destinadas a este futuro bebê.

Podemos inferir a questão gênero como a condição social através da qual nós nos identificamos como masculinos e femininos, não é algo natural que está dado, mas é construído social e culturalmente envolvendo um processo de conjunto, marcas que vão sendo inseridas no sujeito.

Guacira Lopes Louro, destaca o que entende-se por conceito de gênero:

A construção social feita sobre diferenças sexuais gênero refere-se, portanto, ao modo como as chamadas “diferenças sexuais” são representadas ou valorizadas; refere-se aquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade, num determinado grupo, num determinado contexto. (LOURO, 2000, p. 26).

Para a autora, as formas de constituir o masculino ou o feminino, são demarcadas e construídas socialmente.

Quando associamos isso ao ato de brincar das crianças, afirmam-se culturalmente que jogar futebol é mais masculino que feminino ou que, dançar é algo mais feminino do que masculino. Essas afirmações não são naturais, porém são construídas e por esse motivo não são iguais em todos os povos e nem nos grupos sociais.

A sexualidade já permeia diferentemente de gênero. Quando falamos de sexo, utilizamos o termo para descrever as características anatômicas fisiológicas que marcam as diferenças entre homens e mulheres. Por esta razão quando falamos na questão, identidade de gênero, nos referimos como o sujeito se constrói como masculino ou feminino, considerando que essas diferenças variam de tempo para tempo, cultura para cultura, não é universal e nem acabado.

Estudos e teorias desenvolvimentistas, com base nas leis biogenéticas, asseguravam que o desenvolvimento da criança era determinado a partir de estágios. Freud (1996) escreveu em seus



três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, (1905) desafiando a nação dominante da época de que a criança era uma criança pura e inocente. Para muitos, classificado como revolucionário Freud surpreendeu a comunidade científica com seus estudos, o seu trabalho explanava a divisão do período pré-puberal de desenvolvimento da personalidade em estágios dominados por tendências sexuais, essas provenientes de impulsos instintivos e não aprendidas, porém com o objetivo do prazer. Hoje, ainda convive-se com conhecimentos compartilhados socialmente sobre esse modo de olhar para a criança. Por outro lado, pais e educadores ainda não se permitem enxergar que os pequenos podem sim ter desejos, experiências e fantasias sexuais, expressa muitas vezes no ato de brincar.

No imaginário popular de nossa cultura ocidental, ainda é comum o defrontamento com modos de olhar para a criança como meros destinatários passivos de ações adultas ou de intervenções institucionais por serem figuras frágeis, dependentes, necessitados de proteção e monitoramento.

Na área da educação infantil o tema gênero e sexualidade ainda é pouco discutido, o que prevalecem são articulações conceituais do senso comum, causando, confusões e embaralhamentos. Louro (2008a), postula que, mesmo de forma imperceptíveis, essas noções produzem consequências políticas demasiadamente importantes para serem ignoradas.

Desta forma, é possível enfatizar partindo da compreensão geral de vários autores, que o termo gênero certamente é entendido como algo vinculado aos diversos segmentos, social, cultural e político construindo historicamente. No entanto, ainda há a compreensão pautada no princípio de naturalidade a respeito de gênero no espaço escolar.

Sabemos que não é simples lidar com essa temática, ainda menos, se tratando com a sexualidade das crianças pequenas. As instituições sociais, tais como a escola, precisam desconstruir os padrões preconceituosos, precisam entender o que é sexualidade da criança, quais suas necessidades e seus desejos. Precisam perceber que as crianças falam, sentem, desejam, argumentam, e por isso precisam ganhar voz e vez.

3. EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO POSSIBILIDADES, DESAFIOS E SEXUALIDADE NA INFÂNCIA

Refletir sobre o assunto gênero e sexualidade, numa época de transição de valores como a atual conjuntura nos coloca, é bastante complexo. Somos conhecedores de que a família e a escola,



exercem papel preponderante para formação da criança. Nesta ótica, os “por quês?” corriqueiros das crianças que estão descobrindo o mundo, descobrindo-se masculinos e femininos, desafia a escola, em destaque, a educação infantil a buscar respostas para esses pequenos.

Ao longo da história infantil, a criança não tinha sua infância reconhecida, fisicamente eram crianças, porém realizavam afazeres determinados para adultos. Nesse momento histórico, essas crianças não tinham contato algum com a educação formalizada, tinha apenas cuidado que era de responsabilidade da figura feminina, a mãe/ou outras mulheres (OLIVEIRA, 2008). Assim, podemos dizer que essas crianças eram “invisíveis”, por não terem uma infância assegurada e nem tão pouco um trabalho pedagógico que atendessem as necessidades de seu desenvolvimento.

Somente por volta da Idade Média, com o crescimento da urbanização, as discussões sobre a Educação infantil começam a ganhar eficácia. Para Oliveira (2008), a partir do Século XVIII, autores/as como Comênio, Rousseau, Pestalozzi, Decroly, Froebel, Montessori, e outros/as, elaboram propostas com diferentes ênfases educacionais voltadas para o ensino infantil, ensino esse fora das instituições familiares, respeitando diversas compreensões pedagógicas.

Buscando compreender as crenças e os valores conseguidos ao longo do tempo, certamente, faz-se necessário compreender os elementos que estão relacionados a historicidade da Educação Infantil no Brasil. Ao abordarmos a temática, é fundamental compreender acerca das concepções de infância.

A educação infantil, assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (LDB 9.394/96) instituiu esse segmento como primeiro nível de ensino da Educação Básica. Nas últimas décadas, do ponto de vista histórico, é uma das áreas educacionais que mais vem avançando no campo educacional. No entanto, pesquisas nos mostram e sugerem que ainda há muito que ser repensado, pois os desafios a serem conquistados, principalmente a respeito de seu currículo, ampliação e pesquisas realizadas são muitas nesse campo.

Nesse sentido, diferentes estudos, de diferentes autores/as; nos mostra que a Educação Infantil, especificamente, no Brasil, se sucedeu semelhante à trajetória da Educação Infantil no mundo. Atualmente, graças às contribuições desses/as estudiosos/as, tais como Oliveira (2008); Araújo e Abramawicz (2006); Camargo e Ribeiro (1999); apontam um aumento teórico satisfatório referente à Educação Infantil. Contudo ainda é preciso levar discussões de várias temáticas, dentre elas, gênero e sexualidade para as realidades educacionais e cursos de formação de professores/as, podendo assim, amenizar as aprendizagens supostamente preconceituosas, que em sua maioria ocorrem por ausência de sustentação científica.

Esses autores/as (ARAÚJO e ABRAMAWICZ, 2006) sustentam que somente a partir de 1998, textos teóricos abordando a infância e sua relação com diversas áreas das ciências humanas,



começaram a surgir. As mesmas, ressaltam que os temas sobre gênero e etnia surgiram de forma isolada, contudo, no que diz respeito a Educação Infantil, as intersecções com a temática do gênero e da sexualidade, merecem ainda muitos estudos e pesquisas.

Percebemos que na trajetória da Educação Infantil como base estudantil da criança, ainda é preocupante o pouco fornecimento e contribuições para abrangência de um tema tão instigante e necessário na educação básica como gênero e sexualidade. As dúvidas, angústias e dificuldades das professoras pautadas em, realidades escolares sobre a temática, acabam nos fazendo refletir sobre as possibilidades de graves consequências futuras às crianças do nosso país.

Enfim, partindo da compreensão e preocupação de vários teóricos no tocante, Braga (2010) destaca que a esfera educativa seria um dos campos mais favoráveis a projetos de educação e sexualidade. É oportuno enfatizar, que muitos/as professores da Educação Infantil apresentam receios em trabalhar com as diferenças de gênero e a questão da sexualidade e, dessa forma, acabam evitando ou limitando o assunto e deixam de atentar para sua importância em relação à formação da identidade da criança.

Diante o exposto, apresentamos informações a respeito do sistema educacional, de forma sucinta, porém relevante, enfatizamos que o contexto escolar, como qualquer outro meio de socialização, tem papel fundamental historicamente e socialmente, quanto as identidades do ser na nossa sociedade. O trabalho perigoso de professores/as criam e estimular tipos de comportamentos, conforme os/as estudantes sejam meninos ou meninas. Ferreira (2006) diz que:

A escola produz e reproduz conteúdos e identidades culturais. Reproduz porque, como faz parte da sociedade participa das representações que, nessa circulam. A escola também é reprodutora de cultura, por ser um microcosmo com capacidade de elaboração de práticas particulares, conforme as circunstâncias e os indivíduos que nela convivem. Em termos da reprodução de diferenças de gênero, devemos reconhecer que a própria organização do trabalho pedagógico em sala de aula, já vem muitas vezes marcada pela necessidade de estabelecer relações (p. 72).

Assim, sendo a escola um espaço em que as manifestações sexuais são evidenciadas com recorrência, podemos dizer, conforme a autora, que os comportamentos são certamente ensinados, induzindo as crianças a uma maneira particular de interpretar passado e preservar seus valores, construindo padrões na conduta de ambos os gêneros.

Finalmente, cabe aqui ressaltar, que pensar a ideia de uma educação infantil, pautada em reflexões e discussões críticas acerca dos temas gênero e sexualidade, tão manifesta no conceito escolar, é compreendemos o quanto essas atribuições sociais ajudarão a refletir, desde a base escolar acerca de ideologias culturais, buscando amenizar o silêncio, repressão e preconceito evidenciado



no cotidiano escolar e, sobretudo, traçar metas e objetivos a serem conquistados nos processos educativos de uma criança inserida no dia-a-dia de uma sala de aula da Educação Infantil.

4. DOCENTES: AS MUITAS QUESTÕES E DESAFIOS DE TRABALHAR GÊNERO E SEXUALIDADE NA INFÂNCIA.

Refletir e discutir sobre gênero, identidade e sexualidade, numa época de transição de valores como o atual, é bastante complexo.

Temos consciência do quanto é difícil para os educadores infantis conciliarem as várias funções que lhes são incumbidas nesta fase escolar da criança. O assunto em questão, vêm sendo divulgado abertamente pelos meios de comunicação, através de propagandas, revistas, programas infantis, palestras, filmes, novelas. Quando acessamos a televisão ou a internet, rapidamente, nós adultos e as crianças recebemos os mais variados estímulos direcionados as questões gênero e sexualidade.

Nesta perspectiva, o intuito de trabalhar com essa temática, nos proporcionam discussões sensibilizadoras quanto aos conflitos acirrados que ainda perduram a prática cotidiana desses profissionais infantis; ficou percebido com essa pesquisa que além da falta de capacitação para lidar com a temática, as novas constituições familiares, inversões de papéis em conflitos com suas concepções, suas crenças, suas ideologias, coaduna muitas vezes com o que se reflete no espaço das salas de aula; obrigando esses profissionais a lidarem com um tema que muitas vezes não encontram subsídios que lhes favoreçam um outro olhar a respeito da sexualidade infantil.

Analisando o material de discussão aqui relatado, baseado em conversas informais e observações durante o ano de 2014 com professoras da rede pública municipal, na qual relatavam suas representações e dificuldades encontradas a partir da manifestação de sexualidade de seus alunos; encontramos um certo distanciamento entre o que falavam dos temas e a influência de suas concepções pessoais sobre suas práticas em sala de aula.

Partindo desse princípio, percebemos que trabalhar com as discussões e manifestações da sexualidade e gênero na escola é algo que envolve mais do que a necessidade de um preparo técnico, mas vai além, é necessário que o próprio educador infantil tenha a liberdade de exercer uma prática que respeite as características do desenvolvimento psicosssexual infantil, independente de suas crenças, costumes e concepções pessoais.



De acordo com as falas de algumas professoras, percebemos que um grande número delas acreditam que a sexualidade é algo que se desenvolve a partir da adolescência, isto porque de um modo geral associam sexualidade a sexo. Assim, é difícil admitirem alguma manifestação de sexualidade nos anos iniciais do desenvolvimento escolar, na faixa etária entre 0 a 6 anos, o que gerava uma série de pré-julgamentos, acerca das manifestações das crianças, sobretudo apontando que suas perguntas e brincadeiras se davam por presenciarem atos sexuais entre familiares.

Em conformidade, com a pesquisa realizada, constatamos várias angústias desses profissionais. As professoras não se consideravam capacitadas para resolver situações corriqueiras e questionamentos das crianças, tornando-os “impotentes” e “despreparados” para lidar com as manifestações dos alunos sobre o assunto supracitado.

De acordo com o despreparo dos educadores e conseqüentemente da Escola quanto à temática em análise, vale salientar a fundamental importância da abordagem deste tema, nos projetos políticos pedagógicos da escola, e nos planejamentos das atividades que possam envolver, corpo, gênero e sexualidade de uma forma lúdica e prazerosa, oportunizando o desenvolvimento da criança menor.

Essas atividades que ora deve ser discutida e elaborada por todo corpo docente e comunidade escolar, deve está no cerne das metas anuais para educação infantil, desde que, as atividades serviram como recursos que abordaram este assunto, oportunizando educadores e educandos a inventar/reinventar todos os dias, de modo agradável, atividades permanentes de esclarecimentos e desenvolvimento harmonioso que permitam as informações tão desejadas pelas crianças da educação infantil.

Outro fator que analisamos, concerne a relação dos conhecimentos adquiridos em sua trajetória acadêmica com o que se deu na própria história pessoal deles, cuja experiência provoca descompasso em sua prática diária em sala de aula.

A maioria delas estão marcadas por uma caráter moralista e conservador, tornando o tema restrito até mesmo ao véis educativo, pois esta visão geralmente está vinculado a sua historicidade, crenças e valores pessoais. Porém, percebemos que apesar da nostalgia e falta de acesso da época para estes temas, os educadores aprovam o avanço tecnológico e mediático de hoje sobre o assunto.

A este respeito, a maioria dos profissionais questionados se pronunciaram dizendo que:

Antigamente, tais temas não eram falados em casa e nem na escola; Não tinham tantas informações das mídias e quase sempre as coisas eram ditas superficialmente no sentido genérico e hipotético. Hoje não há como fechar os olhos para estes temas. As crianças tem acesso a cenas, antes proibidas para maiores de 18 anos, perguntas que fazem hoje as mães ou professores, antes era motivo para apanhar, ser penalizado. Hoje este distanciamento não é mais possível.



Estes desabafos das professoras, nos instiga a pensar nas mudanças ocorridas ao longo de todo processo educacional. Também nos leva a contextualizar cenários e práticas pedagógicas que abram espaço para pesquisas que venham contribuir a desmistificação emblemáticas que muitas das vezes toda a equipe escolar está inserida, simplesmente por não compreenderem que a maioria das situações escolares que envolvem a sexualidade na escola infantil, se dá pela questão de como a lógica do pensamento da criança difere da lógica do pensamento do adulto e como o desconhecimento do desenvolvimento infantil pode levar o corpo docente a incorrer em erros e, inclusive, reproduzir estereótipos e preconceitos.

5. CONCLUSÃO

Tendo em vista a nossa proposta de trabalho, destacamos que a mudança do professor de educação infantil em relação a sua prática, é algo necessário e fundamental nesses dias atuais. Para esse educador a concepção que ele tem sobre a temática que nem sempre faz parte da formação do curso de pedagogia pelo qual ele cursou, é um dos agravantes neste espaço de formação teoria-prática para desenvolver seu trabalho com uma melhor qualidade.

No seguimento da Educação Infantil, o educador está preocupado em saber agir diante das situações e investigações infantis. Para isso, asseguramos ser necessário reuniões de formação do quadro docente, mediante situações ocorridas no dia a dia escolar.

Para que esses profissionais não se atenham a reprodução das desigualdades de gênero existentes na sociedade, advindas de concepções pautadas por equivocadas crenças e convicções sobre o que é ser masculino e feminino, alertamos que não existem respostas e nem receitas prontas, cada caso é um caso, e o educador deve está preparado para tal realidade tal como ela se apresenta, desprovido de pré-julgamentos e juízos morais.

Para esse educador tão importante na formação e vida estudantil da criança, ainda é necessário enfatizar, que diante das perguntas das crianças, mantenha você também uma postura investigativa. Busque entender o que realmente a criança quer saber com aquilo que perguntou. Devolva-lhe seu questionamento, sonde suas dúvidas, responda o que foi exatamente perguntado, evite respostas fantasiosas e evasivas.

Acreditamos que se a escola, composta por seus profissionais, capacitarem seu corpo docente para enfrentar as várias deficiências relacionadas a gênero, corpo, sexualidade neste estágio



de vida dos discentes, todas essas indagações e dúvidas serão respondidas pelas próprias crianças a partir da análise feita em conjunto com o professor, fortalecendo descobertas pessoais e grupais.

Oportunizando assim, encaminhamentos e discussão para vários assuntos que possam ser abordados do ponto de vista educacional, tais como, masturbação, diferenças entre os órgãos sexuais entre outros. É bom ressaltar, que o desenvolvimento de toda uma prática neste âmbito relacionado a sexualidade requer do educador romper com acomodação, criar alternativas e possibilidades para ampliações dos conhecimentos, refletir, abrir espaços diários para projetos que contemplem esta questão de gênero e sexualidade na escola infantil.

Portanto, o que buscamos salientar é que em todos os casos, o professor continua sendo responsável por estabelecer no espaço da sala de aula, limites, aprendizagens e atividades prazerosas que venham desenvolver adequadamente nesta faixa etária conhecimentos acerca destas relações entre corpo, gênero e sexualidade das crianças. O Educador tem um papel importante no processo formativo das crianças.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, NA Lúcia Castilhano de; ABRAMOWICZ, Ante. A criança fora da educação infantil no GT 7 da ANPED: a construção de um campo de pesquisa In: MAGALHÃES, L; ALVES, A. E.

BRAGA, Elaine Rose Maio. **Gênero, sexualidade e educação: questões pertinentes à pedagogia.** In: CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. FAUSTINO, Rosangela Célia. Educação e diversidade Cultural. Maringá: EDUEM, 2010, pp. 205-218.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. **Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.** Temas transversais. V. 10. MEC. Brasília, 1997.

BRASIL. Educação, Ministério e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental; Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. I, II, III.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli; RIBEIRO, Claudia Maria. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal.** Campinas, 2008, pp. 25-35.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. **Docentes, representações sobre relações de gênero e consequências sobre o cotidiano escolar.** In: SOARES, Guiomar Freitas; SILVA, Meri Roseane Santos da; RIBEIRO, Paula Regina Costa (orgs.). Corpo, gênero e sexualidade. Problematicando práticas educativas e culturais. Rio Grande/RS: Edit da FURG, 2006, pp. 66-82.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade.** Volume I. A vontade de saber. Tradução Maria Theresa da Costa Albuquerque e J. A. Guilhan de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1908). Teorias sexuais infantis. Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Lisboa: Porto editora, 2000.

OLIVEIRA, Zilma Rama de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008, pp. 57-102.

_____. Gênero e sexualidade. As múltiplas “verdades” da contemporaneidade. Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008a.

_____. Pedagogia da sexualidade. In: _____. (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 07-34.

